



Análise das demonstrações financeiras Um caso prático

Agostinho Mateus

mateus.cams@yahoo.com

Sem vinculação institucional

Orcid: 0009-0003-9315-7727

Resumo

Este artigo apresenta, de modo prático, a análise das demonstrações financeiras de uma empresa real, trazendo à atenção os documentos de base para esse tipo de análise, os seus conceitos e os principais índices; demonstra a importância da análise económico-financeira para a gestão de empresas que se querem duradouras e rentáveis e a riqueza de informações contidas nas demonstrações financeiras muitas vezes tidas, apenas, como documento tributário, com o objectivo de reforçar o estímulo para o uso dessas ferramentas em Angola onde o ambiente de negócios impõe vários desafios.

Palavras-chaves: Balanço, Demonstração de resultados, Demonstrações financeiras & Índices.

Abstract

This article presents, in a practical way, the analysis of the financial statements of a real company, bringing the attention to the basic documents for this type of analysis, its concepts and the main indexes; it demonstrates the importance of economic and financial analysis for the management of companies that want to be long-lasting and profitable and the wealth of information contained in the financial statements, often considered only as a tax document; with the objective of reinforcing the stimulus for the use of these tools in Angola, where the business environment poses several challenges.

Keywords: Balance sheet, Income statement, Financial statements, Ratios.

1 Introdução

Embora não haja dados sobre o encerramento efectivo da actividade, a percentagem das empresas criadas que iniciou actividade tem vindo, desde o ano de 2014, a decrescer, de acordo com os dados mais recentes publicados pelo Instituto Nacional de Estatística angolano, de 30% para 20%.

Num mercado onde o universo de empresas registadas é insuficiente para preencher a necessidade dos diversos sectores da economia e num país cujos níveis de produtividade ainda são muito baixos, se apenas um pouco mais de 20% das empresas que são criadas iniciam a sua actividade, só se pode estar a falar de um mercado cujo ambiente é de séria preocupação. Note-se que não se trata das empresas activas, mas apenas daquelas que alguma vez iniciaram actividade; destas, a maioria enfrenta grandes dificuldades de gestão do negócio e, pelos dados officiosos que se vão recolhendo nos jornais, mais de 50% desaparecem precocemente, deixando uma taxa de sobrevivência de menos de 10% no final do primeiro ano.

É possível encontrar, em várias bases de dados, materiais que abordam as demonstrações financeiras e a importância da sua análise na gestão dos negócios. No entanto, no geral, as abordagens estão viradas para os conceitos e a interpretação dessas ferramentas, ficando a análise (conclusões) por explorar.

Assim, com o presente trabalho pretende-se trazer àquelas empresas sobreviventes uma ferramenta que lhes permita uma melhor gestão dos negócios; e aos profissionais da área de finanças, estudantes, empresários e interessados na matéria, um modelo prático para futuras análises. Para o efeito, apresenta-se o Balanço e a Demonstração de Resultados obtidos de uma empresa real, quatro grupos de Índices económicos e financeiros já calculados e as respectivas fórmulas, a interpretação e a análise à volta dos índices, bem como algumas considerações adicionais.

2 A análise das demonstrações financeiras

Alguns dos documentos que constituem as demonstrações financeiras são: o Balanço Patrimonial, a Demonstração de Resultados, a Demonstração das Mutações do Património Líquido e a Demonstração do Fluxo de Caixa. No entanto, na sua análise é dada maior ênfase ao Balanço Patrimonial e à Demonstração de Resultados pelo facto de, por meio dessas peças contabilísticas ser evidenciada, de forma objectiva, a situação económico-financeira da empresa (Ching, 2003).

Segundo Adriano Blatt (2001), a análise das demonstrações financeiras visa a avaliação do desempenho do passado, presente e futuro da empresa, seja comparando-a com os padrões do sector seja numa análise de série temporal. As ferramentas primárias para essa análise são os índices financeiros.

3 O balanço patrimonial

Segundo Raimundo Athar (2005), o Balanço Patrimonial é a apresentação padronizada dos saldos de todas as contas representativas do património da empresa em determinada data, com indicação da intenção da empresa em relação aos prazos de realização dos bens e direitos, bem como o cumprimento de suas exigibilidades.

Para (Chiavenato, 2014), o Balanço Patrimonial é uma demonstração financeira que reflecte com clareza a situação do património da empresa num determinado momento. De acordo com o estabelecido no PGC — Plano Geral de Contabilidade angolano (Decreto n.º 82/2001, 2001), os componentes do Balanço são os seguintes: Activo, Passivo e Capital Próprio.

3.1 Activo

O Activo representa os Recursos (bens e direitos) controlados por uma entidade como resultado de acontecimentos passados e dos quais se espera que fluam para a entidade benefícios económicos futuros e subdivide-se em: Activos não Correntes, aqueles que se espera que permaneçam na posse da entidade por um período superior a um ano; e Activos Correntes, que se espera que permaneçam na posse da entidade por um período até um ano.

3.2 Passivo

O Passivo representa as Obrigações presentes da entidade provenientes de acontecimentos passados, dos quais se espera que resultem exfluxos de recursos (pagamentos) da empresa incorporando benefícios económicos. O passivo divide-se em: Passivos não Correntes, aqueles que se espera que venham a ser pagos pela entidade num período superior a um ano; e Passivos Correntes, aqueles que se espera que venham a ser liquidados pela entidade num período de até um ano.

3.3 Capital Próprio

O Capital Próprio representa o interesse residual no Activo depois de deduzido o Passivo.

A estrutura do Balanço obedece ao modelo constante do PGC (ver Anexo 1)

4 A demonstração de resultados

O Plano Geral de Contabilidade conceitua a Demonstração de Resultados como uma demonstração contabilística destinada a evidenciar a composição do resultado formado num determinado período de operações de uma entidade.

Segundo (Chiavenato, 2014), a Demonstração de Resultados é uma demonstração financeira que serve para exprimir com clareza o resultado que a empresa obteve no fim do período/exercício.

Ainda de acordo com o estabelecido no PGC, os componentes da Demonstração de Resultados são os seguintes: Proveitos e Custos.

4.1 Proveitos

Os Proveitos são os aumentos dos benefícios económicos, durante o período, na forma de influxos ou melhorias de activos ou diminuições de passivos que resultem em aumento dos capitais próprios, que não sejam os relacionados com as contribuições dos participantes no Capital Próprio.

4.2 Custos

Os Custos são as diminuições nos benefícios económicos por perda de valor dos activos ou aumento de passivos que resultem em diminuição dos Capitais Próprios que não sejam os relacionados com as distribuições aos participantes no Capital Próprio. A estrutura da Demonstração de Resultados obedece a um dos modelos constantes do PGC. (Anexo 2)

5 Os índices

Os índices económicos e financeiros são as ferramentas mais usadas na análise do desempenho económico-financeiro das empresas; é através do cálculo e da interpretação dos índices que se consegue avaliar o desempenho do passado, presente e futuro da empresa, mencionados por (Blatt, 2001), bem como se esse desempenho está dentro das médias do sector de actividade em que está inserida.

Dependendo do grau de profundidade que o analista queira atingir, a quantidade e os tipos de índices a serem calculados e interpretados podem variar. Importa ressaltar que existe uma diferença entre a interpretação e a análise dos índices:

“A interpretação é apenas o relato do que se está vendo, mas não a unificação dos dados encontrados. Contudo, para se redigir um relatório de análise primeiramente deve-se interpretar os índices de forma isolada para que se possam perceber, aos poucos, os fa[c]tores de destaque a serem considerados. Desta forma, quando tiramos conclusões sobre os dados estamos de fa[c]to fazendo uma análise evolutiva da situação financeira e econ[ó]mica de uma companhia.”(Marques, 2011, p. 30). De acordo com (Ching, 2003), os Índices são classificados em 4 (quatro) grupos: Liquidez, Endividamento, Operacional/Eficiência e de Rentabilidade.

5.1 Índices de Liquidez

Os Índices de Liquidez, geralmente apresentado em percentagem, mostram a capacidade de a empresa honrar seus compromissos, principalmente os de curto prazo. Os seus principais índices são:

Liquidez Corrente: Mostra a capacidade de pagamento no curto prazo (até um ano). Pode ser considerado favorável quando superior a 1 ou 100%.

$$LiquidezCorrente = \frac{ActivoCorrente}{PassivoCorrente} (1)$$

Liquidez Seca ou Reduzida: Permite uma análise mais realista da situação de liquidez da empresa em determinado momento, pois elimina o risco associado à incerteza da venda do stock.

$$LiquidezSeca = \frac{(ActivoCorrente - Stock)}{PassivoCorrente} (2)$$

Liquidez Imediata: Representa de quanto dinheiro a empresa dispõe de imediato para honrar os seus compromissos de curto prazo.

$$LiquidezImediata = \frac{Disponibilidades}{PassivoCorrente} (3)$$

Liquidez Geral: Traduz a saúde financeira de longo prazo da empresa.

$$LiquidezGeral = \frac{(ActivoCorrente + ActivoRealizávelnoLongoPrazo)}{(PassivoCorrente + PassivoNãoCorrente)} (4)$$

5.2 Índices de Endividamento

Os Índices de Endividamento mostram a posição do capital próprio em relação ao capital de terceiros; teoricamente, quanto mais a empresa esteja alavancada por capitais de terceiros (capitais alheios), maior atenção deverá ser dada à rentabilidade e ao risco. Esse indicador é geralmente apresentado em percentagem. Os seus principais índices são:

Grau de endividamento — GE: Indica o volume de dinheiro de terceiros usado para gerar o lucro (Gitman, 2004). Quanto maior for, maior será a alavancagem da empresa, o que é positivo se não comprometer a rentabilidade actual e não apresentar um excessivo risco para a rentabilidade futura.

$$GraudeEndividamento = \frac{(PassivoCorrente + PassivoNãoCorrente)}{ActivoTotal} (5)$$

Composição do endividamento — CE: Mostra o perfil da utilização de capital de terceiros. Quanto maior for esse índice, maior será a pressão no caixa para pagar os compromissos no curto prazo. (Ching, 2003).

$$ComposiçãodoEndividamento = \frac{PassivoCorrente}{(PassivoCorrente + PassivoNãoCorrente)} (6)$$

5.3 Índices Operacionais

Os Índices Operacionais, também conhecidos como índices de actividade (Gitman, 2004), revelam a velocidade com que determinados elementos do activo giram durante o exercício e são convencionalmente expressos em períodos de tempo (dia, mês, ano, etc.), devido à sua natureza (Ching, 2003). Os seus principais índices são:

Prazo Médio de Stock — PMS: Demonstra o número de dias que decorre, em média, entre a compra de materiais, a transformação em produto e a venda ao mercado; quanto tempo leva o stock para se renovar.

$$PrazoMédiodeStock = \frac{StockTotalMédio}{CustoMercadoriasVendidas} \times 360 (7)$$

Prazo Médio de Recebimento — PMR: Indica o número de dias, em média, que a empresa leva para receber o valor de suas vendas.

$$\text{PrazoMédiodeRecebimento} = \frac{\text{ClientesTotalMédio}}{\text{VendasLíquidas}} \times 360 \quad (8)$$

Prazo Médio de Pagamento — PMP: Indica quanto tempo a empresa leva, em média, para pagar a seus fornecedores.

$$\text{PrazoMédiodePagamento} = \frac{\text{FornecedoresTotalMédio}}{\text{Compras}} \times 360 \quad (9)$$

Ciclo Operacional — CO: Demonstra o número de dias que a empresa leva entre a compra de matéria-prima e o recebimento da venda do produto acabado no mercado:

$$\text{CicloOperacional} = \text{PrazoMédiodeStock} + \text{PrazoMédiodeRecebimento} \quad (10)$$

Ciclo de Caixa: É a diferença entre CO e PMP. Mostra o número de dias que a empresa leva para fazer face aos seus compromissos de curto prazo:

$$\text{CiclodeCaixa} = \text{CicloOperacional} - \text{PrazoMédiodePagamento} \quad (11)$$

5.4 Índices de Rentabilidade

Os Índices de Rentabilidade, geralmente apresentados em percentagem, permitem avaliar os lucros da empresa em relação a certo nível de vendas, de activos ou de volume de capital investido pelos proprietários (Gitman, 2004). Os seus principais índices são:

Margem Bruta — MB: Mede a proporção de cada unidade monetária de vendas que resta após o pagamento do custo dos produtos vendidos. A Margem Bruta é o quociente obtido pela divisão do lucro bruto pelas vendas líquidas.

$$\text{MargemBruta} = \frac{\text{LucroBruto}}{\text{VendasLíquidas}} \quad (12)$$

Margem Operacional — MO: Mede a proporção de cada unidade monetária de receita de vendas que permanece após dedução dos custos e despesas, não incluindo os juros, impostos e dividendos. Segundo Lawrence (Gitman, 2004), representa o lucro puro obtido em cada unidade de receita/venda.

$$\text{MargemOperacional} = \frac{\text{LucroOperacional}}{\text{VendasLíquidas}} \quad (13)$$

Margem Líquida — ML: Representa a proporção de cada unidade monetária de receita de vendas restante após a dedução de todos os custos e despesas, incluindo juros, impostos e dividendos. Indica a percentagem de lucro líquido em relação às vendas.

$$\text{MargemLíquida} = \frac{\text{LucroLíquido}}{\text{VendasLíquidas}} \quad (14)$$

Rotação do Activo — RA: Indica o grau de eficiência com que a empresa usa os seus activos para gerar vendas. Quanto maior o seu valor, melhor.

$$\text{RotaçãodoActivo} = \frac{\text{VendasLíquidas}}{\text{ActivoTotal}} \quad (15)$$

Retorno sobre o Investimento — ROI (Return On Investment): É o mais importante indicador da situação da empresa. Indica a taxa de remuneração dos investimentos. Permite saber qual é o resultado financeiro obtido do investimento realizado. Quanto maior o seu valor, melhor. Uma das fórmulas para o cálculo desse índice é:

$$ROI = \text{Rotação do Activo} \times \text{Margem Líquida} \quad (16)$$

É possível calcular o Retorno Sobre o Investimento dividindo o Lucro Líquido pelo Activo Total. No entanto, dada a relevância desse indicador, a fórmula (16) encontra-se desdobrada para que se possam facilmente identificar quais os factores que determinam o comportamento do ROI e sobre eles actuar. Ou seja: $ROI = \text{Lucro Líquido} / \text{Activo Total} = \text{Vendas Líquidas} / \text{Activo Total} \times \text{Lucro Líquido} / \text{Vendas Líquidas} = \text{Rotação do Activo} \times \text{Margem Líquida}$.

Retorno sobre o Capital Próprio — ROE (Return on Equity): Indica a taxa de remuneração do capital próprio. Permite saber o quanto a empresa é capaz de gerar para os sócios, com o capital nela aplicado. Quanto maior o seu valor, melhor.

$$ROE = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Capital Próprio}} \quad (17)$$

Depois de identificados os documentos básicos para a análise económico-financeira de uma empresa, os principais índices e seus conceitos, apresenta-se, depois da metodologia, a sua aplicação prática.

6 Metodologia

Para o desenvolvimento do presente artigo, foram utilizadas a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica, aplicando-se a técnica de documentação indirecta, que consiste na leitura e análise de materiais produzidos por terceiros, que podem apresentar-se sob forma de textos, jornais, gravuras, fotografias e filmes, entre outros (Lakatos e Marconi, 1992).

Trata-se de técnicas bastante utilizadas em pesquisas puramente teóricas e naquelas em que o delineamento principal é o estudo de caso (Ponte, Oliveira e Barbosa, 2006). Assim, foram obtidos o relatório e contas de uma empresa real, do sector da construção civil, a que chamaremos ANÓNIMA, LDA.

Não foram obtidas, para efeitos de análise do posicionamento, as médias do sector nem um elemento inflator ou deflator para efeitos de aproximação real dos valores. A análise foi feita com base na informação contida nas demonstrações financeiras (Balanços, Demonstrações de Resultados e Relatórios). Uma análise financeira estática com recurso aos índices conforme pode ser observada a seguir.

7 O caso prático

7.1 Cálculo e Interpretação dos Índices

Tabela 1 — Índices de Liquidez

Índices	Cálculo	2008	2009
Índice de Liquidez Imediata	Disponibilidade / Passivo Corrente	16,80%	13,32%
Índice de Liquidez Corrente	Activo Corrente / Passivo Corrente	78,21%	90,63%
Índice de Liquidez Seca/Reduzida	(Activo Corrente - Stock) / Passivo Corrente	73,25%	85,55%
Índice de Liquidez Geral	(Activo Corrente + Activo Realizável no Longo Prazo) / (Passivo Corrente + Passivo não Corrente)	78,21%	90,63%

Fonte: Elaborado pelo autor.

A julgar pelos índices da Tabela 1, percebe-se que a ANÓNIMA, LDA. viveu em 2008 um período de aperto financeiro, pois, para fazer face a cada Kz 100,00 de dívida, possuía e/ou esperava possuir apenas Kz 16,00 e Kz 78,21, respectivamente. Ou seja, teve um défice de liquidez generalizado.

Não obstante algumas melhorias em 2009, resultantes do aumento de aproximadamente +16% e +17 % nos índices de liquidez reduzida e corrente, respectivamente, a situação continuou a ser de séria preocupação, porquanto o índice de liquidez imediata registou um recuo de aproximadamente -21%, com um grau de endividamento acima de 64%, que continuava a ser na sua totalidade de curtíssimo prazo e a favor de um número muitíssimo reduzido de fornecedores (ver a Tabela 2).

Tabela 2- Índices de Endividamento

Índices	Cálculo	2008	2009
Grau de endividamento	(Passivo Corrente+Passivo Exigível a Longo Prazo) / Activo Total	64,92%	64,15%
Composição do endividamento (curto pra	Passivo Corrente / (Passivo Corrente+ Passivo Não Corrente)	100,00%	100,00%

Fonte: Elaborada pelo autor.

O índice de endividamento, a par do de liquidez, é muito usado em matéria de análise de risco da empresa. Do que se pode observar na Tabela 2, a empresa foi obtendo e usando recursos de curto prazo para manter a operacionalidade (Relatório e Contas — fornecedores) e fazer face aos investimentos em imobilizações (BP — imobilizações em curso; anexo 1).

Para cada Kz 100,00 aplicados na empresa, Kz 64,92, em 2008, e Kz 64,15, em 2009, eram provenientes de terceiros; ou seja, mais de 64% do activo da empresa era financiado por capitais de terceiros, e 100% desse financiamento era de curto prazo.

Em 2008 e 2009, a ANÓNIMA, LDA. era uma empresa de altíssimo risco.

Tabela 3- Índices Operacionais

Índices	Cálculo	2008	2009
Prazo Médio <i>Stock</i> (em dias)	(<i>Stock</i> Total Médio / Custo das Mercadorias Vendidas)*360		31,49
Prazo Médio de Recebim ^o (em dias)	(Clientes Total Médio / Vendas Líquidas)*360		75,29
Prazo Médio de Pagam ^o (em dias)	(Fornecedores Total Médio / Compras)*360		96,78
Ciclo Operacional (em dias)	Prazo Médio <i>Stock</i> + Prazo Médio Recebim ^o		106,78
Ciclo de Caixa (em dias)	Ciclo Operacional - Prazo Médio Pagam ^o		10,00

Fonte: Elaborada pelo autor.

O prazo médio de rotação do stock de aproximadamente 32 dias, para uma empresa de construção civil, demonstra uma razoável política de gestão. O prazo médio de recebimento, 75 dias, para um prazo de pagamento de 97 dias seria o desejável se o ciclo operacional, de 107 dias, fosse mais curto, inferior a 96 dias. O cenário actual prejudicou os índices de liquidez. O ciclo de caixa de 10 dias contribuiu para esses défices.

Tabela 4- Índices de Rentabilidade

Índices	Cálculo	2008	2009
Margem Bruta	Lucro Bruto / Vendas Líquidas	57,55%	69,98%
Margem Operacional	Lucro Operacional / Vendas Líquidas	12,07%	3,42%
Margem Líquida	Lucro Líquido / Vendas Líquidas	3,66%	2,72%
Rotação do Activo	Vendas Líquidas / Activo Total	158,74%	121,72%
ROI (Return On Investment)	Rotação do Activo x Margem Líquida	5,81%	3,31%
ROE (Return On Equity)	Lucro Líquido / Capital Próprio	16,56%	9,24%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Em termos de rentabilidade (Tabela 4), a julgar pela margem bruta, 58% em 2008, a empresa mostrou-se com força comercial boa e bastante melhorada em 2009, 70%, tendo em conta o cenário de crise mundial vivido à época. A margem operacional, bastante reduzida, 12,07% em 2008 e piorada em 2009, 3,42%, resultante em certa medida de um ciclo operacional bastante longo, em consequência das

paragens e abrandamentos dos trabalhos nas obras, afectou a margem líquida: 4% em 2008 e 3% em 2009. A rotação do activo, na ordem dos 159% em 2008 e dos 122% em 2009, pode indicar uma grande capacidade de rentabilização do activo. Porém, ressalta-se o facto de a empresa vir operando também com imobilizado há mais de 7 anos totalmente amortizados e não reavaliado. Não obstante os recuos nas taxas de retorno do investimento (ROI) e retorno do capital próprio (ROE) de 6% para 3%, no caso da ROI, e de 17% para 9%, no caso do ROE, a empresa continuou sendo rentável.

7.2 Análise económico-financeira da empresa ANÓNIMA, LDA.

A análise económico-financeira, permite identificar alguns pontos fortes e fracos da empresa, sobre os quais é importante reflectir.

Tabela 5- Pontos Fortes e Fracos

Fortes	Fracos
- Relações com grandes Clientes	- Política de recuperação de crédito
- Capacidade de venda	- Gestão do fluxo de caixa
	- Gestão operacional

Fonte: Elaborada pelo autor.

Os índices de margem bruta, na ordem de 58% e 70%, e de rotação do activo, na ordem de 159% e 122%, nos anos de 2008 e 2009, respectivamente (Tabela 4), denotam boas capacidades comercial e de rentabilidade do activo disponível. O prazo médio do stock de aproximadamente 32 dias, na conjuntura do país, denota também uma boa capacidade de gestão dos stocks (Tabela 3). A julgar por esses indicadores, a empresa se mostra capacitada para fazer face ao mercado, pois tem clientes e vende, rentabiliza aparentemente bem os activos disponíveis e gere convenientemente os stocks. Então, qual é a causa do aperto financeiro?

É muito comum nas pequenas e médias empresas do sector da construção civil, em Angola, serem os proprietários os responsáveis pela área comercial e, portanto, os únicos que mantêm grandes contactos com os clientes institucionais e não só. São exímios negociadores, pois têm bastante conhecimento técnico-profissional na área de construção, e uma boa capacidade de controlo, mesmo à distância, da quantidade de materiais consumíveis em obras. Procuram planear, organizar, dirigir e controlar “sozinhos”. Porém, são geralmente pessoas com poucos conhecimentos nas áreas de administração e de gestão financeira. Por tal, embora tenham um departamento de contabilidade ou uma assessoria contabilística externa, os balanços e todas outras peças contabilísticas produzidas têm apenas valor para efeitos fiscais/tributários. Portanto, são peças nunca tidas em conta na definição das políticas da empresa. Tal situação impede a estruturação e implementação de quaisquer melhorias. Impede que se faça uma boa gestão. Numa análise conjunta das tabelas 3 e 4, pode aferir-se que, embora o ciclo operacional deva ser melhorado, não é a razão de fundo do aperto financeiro revelado na tabela 1; mas sim o claro défice de gestão operacional.

Os mapas demonstram a existência de um custo de estrutura bastante elevado, resultante, eventualmente, do modelo de negócios da construção, que precisa com urgência de ser revisto; ou de custos directos que não estão a ser considerados na margem, pressionando assim a redução constante dos ciclos operacional e de caixa.

A pouca atenção dada aos elevados custos de estrutura resultou na diluição de cerca de 96% da margem bruta e, como consequência, na criação de uma margem líquida abaixo de 3%, em 2009. Uma reflexão sobre os dados da Tabela 4 indica exactamente isso e ajuda a explicar a causa do aperto financeiro.

Assim sendo, conclui-se que a ANÓNIMA, LDA., precisava de:

- 1 melhorar a sua capacidade de gestão operacional, dando maior atenção aos custos operacionais indirectos e aos outros custos e visando a sua redução ou a sua incorporação nos modelos de precificação dos seus produtos/serviços;

- 2 reduzir o seu Prazo Médio de Recebimento para desse modo diminuir o seu ciclo operacional, que, mantendo o resto constante, seria desejável abaixo dos 96 dias. Para tal seria necessário eliminarem-se as paragens e abrandamentos dos trabalhos nas obras injetando-se mais capital;
- 3 e, buscar o equilíbrio financeiro através da obtenção de fontes de financiamento adequadas ao tipo de investimento que se pretende fazer. Por exemplo, para investimentos de longo prazo, buscar financiamentos de longo prazo e não de curto prazo, como se constatou na Tabela 2. Do contrário acabaria gerindo as entradas de caixa por meio de rateio. Ou seja, o recebimento por via do pagamento inicial de uma nova obra ou por via de algum auto de medição de uma obra específica seria totalmente distribuído para minimizar as carências de todas áreas da empresa, e o acabamento da própria obra ficaria comprometido.

Embora ainda positivas em 2009, as taxas de retorno do investimento (ROI), 3%, e de retorno do capital próprio (ROE), 9%, apresentam recuos (-2,5 p.p. e -7,3 p.p., respectivamente), com relação ao ano anterior. O modelo de gestão em uso mantém o risco de reduções sucessivas desses índices, perspectivando rentabilidades em patamar abaixo do nível dos mercados nos anos seguintes.

É perceptível que, sem a análise económico-financeira da informação produzida pela contabilidade e apresentada nas demonstrações financeiras da empresa, os sócios da ANÓNIMA, LDA., ficariam desprovidos de informações importantes, tomariam sucessivas decisões não efectivas e no curto/médio prazo a empresa estaria numa situação insustentável e com poucas possibilidades de sobrevivência.

8 Considerações finais

No decorrer deste artigo, foram apresentados e conceituados os documentos de base que compõem as demonstrações financeiras de uma empresa e os principais índices usados na análise económico-financeira. O cálculo e a interpretação isolada dos índices da empresa ANÓNIMA, LDA., revelaram um conjunto importante de informações contidas nas demonstrações financeiras e possibilitaram a análise da sua situação económico-financeira. Feita a análise, foi possível a identificação dos pontos fortes e fracos da gestão e apontar soluções de melhoria que de outro modo não seriam possíveis; demonstrando assim a importância da análise económico-financeira para a gestão da empresa.

Tendo ciência da necessidade dessa análise, os empreendedores e empresários podem, desde já, solicitar dos seus responsáveis pela contabilidade e finanças os respectivos relatórios de análise económico-financeira. Os profissionais e os demais interessados nessa área encontram neste artigo um modelo prático para futuras análises. Sugere-se que, em estudos posteriores, a análise seja feita com valores reais, que se obtenham as médias do sector para o estudo do posicionamento da empresa no mercado e que se alargue o número de exercícios económicos para que se possa fazer uma análise evolutiva mais consistente.

Anexos:

Anexo 1

Balanco Patrimonial da ANÓNIMA, LDA, em 31 de Dezembro

Valores expressos em: Kwanzas

	Notas	Exercícios	
		2009	2008
ACTIVO			
Activo não corrente			
Imobilizações corpóreas	4	136.375.876	184.285.340
Imobilizações incorpóreas	5	12.816	17.088
Investimento em Subsidiárias e associadas	6		
Imobilizações em curso		58.160.010	36.275.945
Outros activos financeiros	7		
Outros activos não correntes	9		
Amortizações acumuladas			
TOTAL DO ACTIVO NÃO CORRENTE		194.549.702	220.578.373
Activo corrente			
Existências	8	15.168.723	14.429.173
Contas a receber	9	201.664.022	141.300.910
Disponibilidades	10	39.732.300	48.884.818
Outros activos correntes	11	13.690.997	22.894.641
TOTAL DO ACTIVO CORRENTE		270.256.042	227.509.542
TOTAL DO ACTIVO		464.804.744	448.087.915
CAPITAL PRÓPRIO E PASSIVO			
Capital próprio			
Capital	12	84.000	84.000
Reservas	13	7.353.666	7.353.666
Resultados transitados	14	143.787.539	123.708.362
Resultados do exercício		15.392.355	26.033.341
TOTAL DO CAPITAL PRÓPRIO		166.617.560	157.179.369
Passivo não corrente			
Empréstimo de médio e longo prazo	15		
Impostos diferidos	16		
Provisões para pensões	17		
Provisões para riscos e encargos	18		
Outros passivos não correntes	19		
TOTAL DO PASSIVO NÃO CORRENTE		0	0
Passivo corrente			
Contas a pagar	19	76.838.710	89.646.399
Empréstimos de curto prazo	20	6.870.690	
Parte corrente dos empréstimos a médio e longo prazo	15		27.609.794
Outros passivos correntes	21	214.477.784	173.652.352
TOTAL DO PASSIVO CORRENTE		298.187.184	290.908.546
TOTAL CAPITAL PRÓPRIO E PASSIVO		464.804.744	448.087.915

Anexo 2

Demonstração de Resultados dos Exercícios, da ANÓNIMA, LDA, em 31 de Dezembro

Valores expressos em: Kwanzas

	CONTA PGC	Exercícios	
		2009	2008
Proveitos e Ganhos por Natureza			
Vendas de produtos (Construção Civil)	61.11.2	403.391.353	376.748.174
Vendas de mercadorias	61.3		
Prestação de serviços (Aluguer Equipamentos)	62	160.003.126	317.495.326
Outros proveitos operacionais	63	2.355.038	17.052.542
SOMA DOS PROVEITOS OPERACIONAIS		565.749.517	711.296.042
Variação nos inventários de pro. acab. e prod. curso	64		
Trabalhos para a própria empresa	65		
Proveitos e ganhos financeiros Gerais	66	11.173.478	56.401
Proveitos e ganhos financeiros em filiais e assoc.	67		
Outros proveitos e ganhos não operacionais	68	13.061.831	2.884.963
Proveitos e ganhos extraordinários	69		
SOMA PROV. E GANHOS NÃO OPERACIONAIS		24.235.309	2.941.364
TOTAL DOS PROVEITOS (A+B)		589.984.826	714.237.406
Custo e Perdas por Natureza			
Custo das mercadorias vendidas e m. consumidas	71	169.158.952	284.924.114
Custo com pessoal	72	191.034.854	173.707.026
Amortização do Exercício	73	59.152.785	45.892.111
Sub-contratos	75.1	20.367.807	17.309.530
Fornecimentos e serviços de terceiros	75.2	100.350.697	97.016.745
Impostos	75.3	6.312.709	6.607.939
Outros custos e perdas operacionais	75.8		
Custos e perdas financeiros gerais	76	4.349.678	9.279.747
Custos e perdas financeiros em filiais e associadas	77		
Outros custos e perdas não operacionais	78	15.576.799	38.847.300
Custos e perdas extraordinários	79		601.600
TOTAL DOS CUSTOS		566.304.281	674.186.112
Resultado antes de impostos (C-D)		23.680.545	40.051.294
Imposto sobre lucros		8.288.191	14.017.953
RESULTADO LÍQUIDO DO EXERCÍCIO (E - F)		15.392.354	26.033.341

Apêndice-1

Empresa: Anónima, Lda

Demonstração de Resultados até: 31 de Dezembro

Valores expressos em: Kwanzas

Designação	Exercícios	
	2009	2008
Vendas de produtos (Construção Civil)	403.391.353	376.748.174
Prestação de serviços (Aluguer Equipamentos)	160.003.126	317.495.326
Custo das vendas	-169.158.952	-284.924.114
Resultado bruto	394.235.527	409.319.386
Outros proveitos operacionais	2.355.038	17.052.542
Custo com pessoal	-191.034.854	-173.707.026
Amortização do Exercício	-59.152.785	-45.892.111
Sub-contratos	-20.367.807	-17.309.530
Fornecimentos e serviços de terceiros	-100.350.697	-97.016.745
Impostos	-6.312.709	-6.607.939
Resultados operacionais	19.371.713	85.838.577
Resultados financeiros	6.823.800	-9.223.346
Resultados não operacionais	-2.514.968	-35.962.337
Resultados extraordinários		-601.600
Resultados antes de impostos	23.680.545	40.051.294
Imposto sobre o rendimento (35%)	8.288.191	14.017.953
Resultado líquido do exercício	15.392.354	26.033.341

Fonte: Elaborado pelo autor. Modelo ajustado da DRE da empresa

Apêndice-2

Empresa: Anónima, Lda

Índices Económico-Financeiros

Exercícios findos em 31 de Dezembro

Índices	Cálculo	2009	2008
Índice de Liquidez Imediata	Disponibilidade / Passivo Corrente	13,32%	16,80%
Índice de Liquidez Corrente	Activo Corrente / Passivo Corrente	90,63%	78,21%
Índice de Liquidez Seca	(Activo Corrente-Stock) / Passivo Corrente	85,55%	73,25%
Índice de Liquidez Geral	(Activo Corrente+Activo Realizável Longo Prazo) / (Passivo Corrente+Passivo Não Corrente)	90,63%	78,21%
Grau de Endividamento	(Passivo Corrente+Passivo Exigível Longo Prazo) / Activo Total	64,15%	64,92%
Composição do Endividamento (curto prazo)	Passivo Corrente / (Passivo Corrente+Passivo Exigível Longo Prazo)	100,00%	100,00%
PMS (em dias)	(Stock Total Médio / Custo das Mercadorias Vendidas)*360	31,49	
PMR (em dias)	(Clientes Total Médio / Vendas Líquidas)*360	75,29	
PMP (em dias)	(Fornecedores Total Médio / Compras)*360	96,78	
Ciclo Operacional (em dias)	Prazo Médio do Stock + Prazo Médio Recebimento	106,78	
Ciclo de Caixa (em dias)	Ciclo Operacional – Prazo Médio Pagamento	10	
Margem Bruta (MB)	Lucro Bruto / Vendas Líquidas	69,98%	57,55%
Margem Operacional (MO)	Lucro Operacional / Vendas Líquidas	3,42%	12,07%
Margem Líquida (ML)	Lucro Líquido / Vendas Líquidas	2,72%	3,66%
Rotação do Activo (RA)	Vendas Líquidas / Activo Total	121,72%	158,74%
ROI	Rotação do Activo x Margem Líquida	3,31%	5,81%
ROE	Lucro Líquido / Capital Próprio	9,24%	16,56%

Referências

- Athar, R. A. (2005). Introdução a contabilidade. São Paulo: Prince Hall.
- Blatt, A. (2001). Análise de Balanços-Estrutura das Demonstrações Financeiras e Contábeis. São Paulo: Markon Books.
- Carvalho, H., & Mateus, A. F. (2021). Relatório Económico do 2.º Trimestre de 2021. CINVESTEC. Luanda. Disponível em: <https://www.cinvestec.com/relatorio-economico-do-2-o-trimestre-de-2021>.
- Chiavenato, I. (2014). Gestão Financeira: Uma Abordagem Introdutória/ Idalberto Chiavenato.- 3.ed.Barueri. SP: Manole.
- Ching, H. Y. (2003). Contabilidade e Finanças Para Não Especialistas. São Paulo: Orientice Hall.
- Decreto nº 82/2001. (2001). de 16 de Novembro. Aprova o Plano Geral de Contabilidade. Luanda, Angola: Imprensa Nacional.
- Gitman, L. J. (2004). Princípios de administração Financeira, 10ª edição/ Lawrence Jeffrey Gitman; Tradução Técnica António Zaratto Sanvicente. São Paulo: Addison Wesley.
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. d. (1992). Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projectos e relatório, publicações e trabalhos científicos / Eva Maria Lakatos, Marina de Andrade Marconi. - - 4. ed - -. São Paulo: Atlas.
- Lei nº 30/11. (2011). de 13 de Setembro de 2011. DR nº 176, Iª Série. Lei das Micro, Pequenas e Médias Empresas. Luanda, Angola: Imprensa Nacional.
- Marques, M. B. (2011). Análise das Demonstrações Financeiras. UCAM. 4ª edição. Rio de Janeiro, Brasil: Disponível em: https://www.academia.edu/6444025/An%C3%A1lise_das_Demonstra%C3%A7%C3%B5es_Financeiras_Disciplina_An%C3%A1lise_das_Demonstra%C3%A7%C3%B5es_Financeiras_Cursos_Ci%C3%A2ncias_Cont%C3%A1beis_Administra%C3%A7%C3%A3o_e_Economia_Prof_M%C3%B4nica_Br.
- Material de Contabilidade Avançada, Faculdade AIEC. (s.d.). MBA em Finanças. Brasília, Distrito Federal, Brasil.
- Ponte, V. M., Oliveira, M. C., & Barbosa, J. V. (2006). Metodologias de pesquisa adotadas nos estudos sobre Balanced Scorecard. In: XIII Congresso Brasileiro de Custos, 10, 2006. Anais... Belo Horizonte-MG, Brasil: Disponível em: <https://anaiscbc.emnuvens.com.br/anais/article/view/1701/1701>.

